

Funaro começa a renegociar dívida *Set*

“Já estamos trilhando o caminho para normalizar, o mais cedo possível, a posição do Brasil no mercado financeiro internacional”. A afirmação é do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, que viaja hoje a noite para Washington, onde participará da reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD). Paralelamente à reunião, será desencadeado o processo de renegociação, em bases plurianuais, do total da dívida externa brasileira, hoje, em torno de 105 bilhões de dólares.

Funaro está otimista quanto aos resultados das negociações com os banqueiros privados. É que houve toda uma preparação para o início do processo, primeiro nos Estados Unidos, quando, durante a permanência do presidente José Sarney, o ministro se encontrou com autoridades do Governo americano e com representantes dos banqueiros, e depois na Inglaterra, Alemanha e França, quando, além de autoridades e banqueiros, manteve contatos com em-

presários.

“Estes contatos vão nos render bons resultados nesta primeira fase da renegociação” — garantiu o ministro. Funaro viaja acompanhado de seu secretário para assuntos econômicos, Luiz Gonzaga Belluzzo, do chefe da Secretaria para Assuntos Internacionais, Alvaro Alencar, do seu chefe de Gabinete, Roberto Müller, e do coordenador de Comunicação Social, Marco Antônio Brandão.

O Brasil, segundo Funaro, não só quer renegociar o total da sua dívida em bases plurianuais até o ano 2.000, mas também pagar menos juros. Quer que as transferências externas por esta conta não ultrapassem 2,5 por cento do PIB (Produto Interno Bruto), porque mais que isso comprometeria sua meta de crescimento econômico. O ministro acha possível reduzir o pagamento de juros para esse nível, pois basta para isso apenas o acerto de SPREADS (Taxas de risco) mais baixas na renegociação dos contratos. “Estamos demonstrando nossa viabilidade econômica, prova disso são

os superávits mensais de nossa balança comercial e o acerto das políticas de ajustamento interno. Não somos mais um país de risco para os credores. Não podemos continuar sendo jogados na vala comum dos países devedores, queremos um tratamento diferenciado”.

Outro ponto a ser acertado pelas autoridades brasileiras com os banqueiros privados: salvaguardas contra o aumento das taxas de juros internacionais. A explosão destas taxas nos últimos anos, representou um significativo acréscimo no endividamento brasileiro. Além disso, o Brasil continua na firme posição de concretizar o reescalonamento de sua dívida sem qualquer acordo formal com o Fundo Monetário Internacional.

“Nosso relacionamento com o FMI será igual ao apresentado por qualquer um dos países membros da instituição e isso prevê a vinda aqui, de uma missão por ano, não para discutir diretrizes de política econômica, mas só para levantamentos de dados” — explicou Funaro.